



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**DANIELA CATTANI**

**(depoimento)**

**2015**

**CEME-ESEF-UFRG**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-592

**Entrevistada:** Daniela Cattani

**Nascimento:** 19/11/1986

**Local da entrevista:** Livraria Multicultura, Rua República, 351 - Porto Alegre/RS

**Entrevistadora:** Isabela Lisboa Berté

**Data da entrevista:** 22/09/2015

**Transcrição:** Ayllu Duarte Acosta

**Copidesque:** Isabela Lisboa Berté

**Pesquisa:** Isabela Lisboa Berté

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 31 minutos e 31 segundos

**Páginas Digitadas:** 14 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Isabela Lisboa Berté intitulada *Mulheres no Universo Cultural do Boxe: As questões de gênero que atravessam a inserção e a permanência de atletas no Pugilismo*. (2003-2016)

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Inserção no boxe; Relação com a família, amigos e treinadores; Trajetória como atleta; Patrocínios e investimentos; Primeira luta; Mudanças corporais; Diferenças no treinamento de homens e mulheres; Inserção tardia das mulheres no boxe; Contribuição para o boxe gaúcho.

Porto Alegre, 22 de setembro de 2015. Entrevista com Daniela Cattani a cargo da pesquisadora Isabela Lisboa Berté para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

I.B. – Olá Daniela, inicialmente eu gostaria de saber como foi a sua inserção no boxe?

D.C. – Por que eu entrei?

I.B. – Sim.

D.C. – Começou porque minha namorada queria fazer, daí eu entrei... Eu pensei que boxe era muito violento, essa ideia que todo mundo tem. Daí a gente foi para uma academia e começamos a fazer, eu gostei e ela não, ela foi para o jazz.

I.B. – Uma coisa bem diferente.

D.C. – É, e eu fiquei no boxe mesmo. Eu comecei a treinar com o Zé<sup>1</sup> em 2009 e a partir daí gostei muito das aulas, e ele que me convenceu a competir depois.

I.B. – O José Lima foi o teu primeiro treinador?

D.C. – Foi o Thales<sup>2</sup>, ele era um aluno do Zé, e ele dava aula em uma academia aqui por perto. Daí eu comecei com ele e ele me encaminhou para o Zé.

I.B. – E tu não começou com a ideia de competir, quando tu pensou nessa possibilidade? Foi mais um incentivo assim?

D.C. – O Zé me incentivou... Eu sempre gostei muito de competir, jogava futebol, competia, enfim, a ideia de competir sempre me agradou muito. No boxe não muito pelo medo de se machucar, mas aí ele foi tentando me convencer e eu comecei...

---

<sup>1</sup> José Valter Corrêa de Lima.

<sup>2</sup> Thales dos Santos Medeiros Collar.

I.B. – Essa foi a primeira modalidade esportiva que tu praticou, o boxe?

D.C. – Não, já joguei futebol, vôlei e agora eu faço funcional, não sei se interessa.

I.B. – Eu acho que tu já respondeu... Alguém influenciou tua escolha pelo boxe, foi tua namorada?

D.C. – Sim.

I.B. – Tu encontrou alguma resistência de treinadores ou da Federação Rio-Grandense de Pugilismo para que as mulheres treinassem boxe?

D.C. – Eu sinto mais pelos colegas homens, por exemplo... O Zé não, o Zé sempre me incentivou, a Federação Rio-Grandense de Pugilismo incentiva. Acho que precisa melhorar alguma coisa, mas não só no boxe feminino, também no masculino no caso. Mas mais são os colegas, por exemplo, tu vai lutar com um cara, tu bate um pouco mais forte, vai um pouquinho mais rápido, alguns ficam meio ofendidos.

I.B. – Nos treinos?

D.C. – Nos treinos isso.

I.B. – Como a tua família e teus amigos reagiram a tua escolha pelo boxe?

D.C. – A primeira coisa que falam é tipo: “Mas não é muito violento?” Ou tipo: “Tu é muito magrinha para fazer boxe.” Essas coisas de aparência física e violência porque, de vez em quando, tu aparece com o olho roxo, e as pessoas ficam: “Ai, que judiaria”. Mas não, é um esporte. É mais pela surpresa.

I.B. – Eles chegaram a assistir alguma competição tua?

D.C. – Não, ninguém teve coragem. [risos]

I.B. – Como é que era a escola ou a academia onde tu iniciou a tua prática do boxe?

D.C. – A primeira vez? Com o Thales, foi em uma academia que tem na Luiz Afonso<sup>3</sup>, sabe? Posso te passar o nome depois.

I.B. – Eu procuro também. Ela existe ainda?

D.C. – Existe.

I.B. – É fácil de procurar.

D.C. – Ela era uma academia de ginástica, não tinha o boxe como esporte, via o boxe como uma ginástica. Tinha o essencial: um ou dois sacos de boxe, uns colchonetes, nem me lembro se tinha corda para pular. Depois, eu fui treinar lá no CETE<sup>4</sup>, o Zé dava aula lá. O CETE não tinha saco, não tinha nada de aparelhamento. Depois, fui para Tuai<sup>5</sup>, que fechou já, mas era aqui no Petrópolis. Aí tinha também, tinha saco... O Zé fazia manopla e todas essas coisas. E a última que eu treinei com o Zé foi na Team Nogueira<sup>6</sup>, que daí tem mais uma estrutura física... Tinha, eu acho que fechou também. Tinha uma estrutura física melhorada.

I.B. – Nessa época, tu lembra a situação do boxe feminino no Rio Grande do Sul? Se havia outras mulheres treinando, se ocorriam competições?

D.C. – Em 2009, eu lembro que eu treinava com a Megg<sup>7</sup>. Pouquíssimas mulheres me acompanharam nos treinos, mais eram homens, as mulheres tem uma resistência com o boxe. Depois, começaram a vir algumas outras gurias, veio a Sara<sup>8</sup>...

I.B. – Ouvi falar dela.

---

<sup>3</sup> Referência a uma rua da cidade de Porto Alegre.

<sup>4</sup> Centro Estadual de Treinamento Esportivo.

<sup>5</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>6</sup> Academia localizada na cidade de Porto Alegre.

<sup>7</sup> Megg Tavares

D.C. – Ouviu falar? Veio a Sara, ela se destacou bastante no boxe. Daí eu conheci a Carine<sup>9</sup>, eu competia com ela.

I.B. – Sim, vocês eram do mesmo peso?

D.C. – Do mesmo peso.

I.B. – Imaginei.

D.C. – Mas, não tinha muita... Competição de boxe feminino sempre teve aqui com a Federação<sup>10</sup>, mas o problema é não ter guria. Acho que era o problema. [risos]

I.B. – Eu queria que tu falasse um pouco da tua trajetória como atleta. Os campeonatos que tu participou, as tuas conquistas e se tu continua competindo atualmente.

D.C. – Eu acho que eu lutei umas dez vezes, não tenho certeza, e acho que foi meio a meio, ganhei cinco e perdi cinco. Não houve nenhum campeonato muito importante, os Gaúchos que eu lutei com a Carine, eu perdi. Daí competi uma outra coisa com ela, mas nada importante, nada Gaúcho, nada Brasileiro, mas ganhei alguns. Eu fui para o Campeonato Brasileiro<sup>11</sup> em 2012 e tive que perder peso para chegar nos quarenta e oito [quilos], para fugir das gurias das Olimpíadas. Como é que é o nome dela...

I.B. – A Érica<sup>12</sup>?

D.C. – A Érica.

I.B. – Tu não lutou com a Érica?

D.C. – Sim.

---

<sup>8</sup> Sara Santos da Silva.

<sup>9</sup> Carine Borba.

<sup>10</sup> Federação Rio-Grandense de Boxe.

<sup>11</sup> Campeonato Brasileiro de Boxe Feminino.

<sup>12</sup> Érica Matos.

I.B. – Isso que ia te perguntar... [risos] Tua luta no Campeonato Brasileiro foi com a Érica?

D.C. – Foi com a Érica, daí tipo...

I.B. – E ela tinha acabado de vir da Olimpíada?

D.C. – Sim, ela tinha acabado.

I.B. – Bah!

D.C. – A Carine foi para [a categoria] cinquenta e um [quilos], e eu perdi para cair nos quarenta e oito [quilos] para fugir da Érica, mas acho que, na hora, uma guria dos quarenta e oito [quilos] não pode ir. Sei lá se ela estava acostumada a perder peso, porque ela baixou de peso. Daí, não teve nem graça para ela, [risos] durou um round e ela nem cansou.

I.B. – Deve ter sido bem difícil.

D.C. – Sim, eu via ela lutando nas Olimpíadas, tu vê que elas lutam muito bem. Tu vê que elas lutam melhor ainda quando tu vai competir junto.

I.B. – Sim, quando tu sente... [risos]

D.C. – Quando tu sente.

I.B. – Tu chegou a perceber uma desigualdade muito grande do Rio Grande do Sul em relação a São Paulo e Bahia?

D.C. – Sim, as equipes de Bahia, São Paulo e Brasília talvez, eram as mais fortes. Acho que Brasília tinha bastante gente também.

I.B. – Eram gurias que se dedicavam, provavelmente, inteiramente para o boxe?

D.C. – Acho que sim. Acho que talvez houvesse mais apoio.

I.B. – Como são as condições para a prática do boxe feminino no Rio Grande do Sul, existiam patrocinadores ou incentivos governamentais? Tu te lembra?

D.C. – Eu nunca entendi bem como é que funciona essa coisa de patrocínio do governo, mas pelo que eu sei da Federação aqui, eles não vão muito atrás de patrocínio para enviar as pessoas, porque quem participa do boxe, em sua maioria, são pessoas de baixa renda. Eu acho que a Federação não conseguia esses patrocínios, porque lembro que o Zé dava aula para uns guris em uma vila em Viamão. Não me lembro se era Viamão, qual é outra cidade?

I.B. – Alvorada.

D.C. – Alvorada!

I.B. – Acho que é.

D.C. – Então, ele tinha que arrecadar fundos para conseguir levar o pessoal. Eu acho que lá no Campeonato Brasileiro, tu consegue ver direitinho quem tem o patrocínio, quem não tem, quem vai por conta assim. O Zé tem o patrocínio, acho que para apoiar a equipe mesmo. Mas para viajar para o Tocantins, que foi lá naquela época, eu tive que pagar passagem e tudo, mas o hotel, eu acho que a Confederação Brasileira<sup>13</sup> que pagou.

I.B. – Como era na época, tu chegou a te manter economicamente treinando boxe ou tu fazia outra atividade, trabalhava em outra coisa?

D.C. – A minha ideia não era viver disso, tanto que tem a Megg, eu sei que o pessoal ali ganha umas bolsas, mas a minha área era Letras. Eu trabalhava com Letras, e daí o boxe era mais esporte mesmo. Tipo, eu não quero chegar no nível das gurias da Federação Brasileira e tal, mas eu gostava de ir para ter uma competição.

I.B. – Tu treinava quantas vezes por semana?

D.C. – No início, eu treinava três vezes por semana e era quase duas horas de treino, mas depois foi diminuindo por que o Zé foi começando a dar aula nas academias por aqui, daí já tinha um horário controlado.

I.B. – Tu pode relatar como foi a tua primeira luta de boxe? Como que tu te sentiu ao atingir o primeiro soco ou receber o primeiro soco.

D.C. – Apanhar é bem mais difícil, [risos] mas a minha primeira luta, acho que foi com a Carine até. Eu aguentei até o terceiro *round*, eu estava muito nervosa e eu não tinha mais fôlego. Eu nem sentia, fui sentir depois. E toda essa coisa que tu consegue fazer no treino, respirar, conseguir criar uma estratégia, lá em cima parece que tu esquece tudo. Isso aconteceu na primeira luta. [risos]

I.B. – Tu já tinha, em algum momento da tua vida, lutado? Para os homens é mais comum atingir socos ou apanhar em uma briga.

D.C. – É, eu acho que as mulheres não são... Eu acho que os homens batem porque eles são motivados a fazer isso, sabe? Tipo, é isso aí, vai se defender, vai bater; as mulheres, não. Só quando eu era criança eu batia nos guris. [risos] Mas depois que eu cresci, não bati.

I.B. – E é diferente a sensação de dar um soco?

D.C. – É bom, e depende em que tu der, é melhor ainda. [risos] É bom, é bom. O boxe é um esporte de combate, não é de autodefesa, o que pessoal procura bastante atualmente. Mas tu saber dar um soco bem dado, eu acho que dá uma segurançazinha.

I.B. – Interessante. [risos] Tu percebeu algumas mudanças no teu corpo atribuídas à prática do boxe?

D.C. – Sim, sim, bastante. Quer saber quais são?

---

<sup>13</sup> Confederação Brasileira de Boxe.

I.B. – Sim.

D.C. – Bom, o boxe trabalha muito a parte superior, da cintura para cima. Trabalha a panturrilha bastante, pular corda, e a posição que tu fica trabalha bastante a panturrilha também. Então, principalmente na parte da cintura para cima, eu fiquei mais definida: braço, peito, costas, abdômen. Dá uma definida, o que a maioria das mulheres não quer que aconteça.

I.B. – Mas chegou a te incomodar?

D.C. – Não, eu acho bem tranquilo assim, acho bonito.

I.B. – E os teus amigos, familiares, como é que eles encararam estas mudanças corporais? Eles chegaram a ter algum receio de desenvolver muito o braço, essas questões...

D.C. – Na minha questão tem várias coisas... Tipo porque eu sou lésbica, enfim, tu começa a ficar definida, daí acham que tu vai virar homem. [risos] Sabe? Essas bobagens. Mas sim, já ouvi minha mãe dizer: “Tu está ficando muito forte, tu está se masculinizando”. Estas coisas todas. As minhas amigas também, algumas gostam, acham bonito. Outras dizem: “Não precisava tanto”.

I.B. – Tu chegou a ficar com algumas marcas, ferimentos, tipo olho roxo e se isto preocupava as pessoas da tua volta?

D.C. – Sim, as pessoas olhavam para mim com cara de pena. Imagino eu que elas pensavam que eu apanhava do namorado em casa, sabe?

I.B. – Sim. [risos]

D.C. – Tipo estava no ônibus com um “roxão” no olho, daí as pessoas ficavam olhando. [risos] Quem sabia que eu lutava boxe dizia: “Para que fazer isto contigo, gurria?”. Eu

dizia: “É, acontece, como tu vai jogar futebol, tu pode quebrar uma perna. Qualquer esporte tu pode te machucar”. Mas a reação é sempre de espanto.

I.B. – Tu gostava de competir? Achava emocionante o momento da luta, esse nervosismo?

D.C. – Eu achava mais assustador do que emocionante, porque eu acho que, como eu não fui muito bem na primeira luta, acho que foi contribuindo para eu ficar cada vez mais nervosa. Quanto mais nervosa, pior tu te sai na luta, mas depois que eu ganhei uma luta, eu comecei a ficar mais tranquila. Eu achava legal ficar lá em cima, e as pessoas ficam gritando: “Bate jab, direto, cruzado, esquivada...”. Tu ouve só um monte de burburinhos, mas tu vê que as pessoas estão torcendo. É bem legal.

I.B. – Tu lembra do público, quando era luta feminina chamava a atenção, tinha um público significativo?

D.C. – Tu sabe que isso era uma coisa que até me impressionava por que o pessoal assistia. Por exemplo, tem uma luta masculina, então o pessoal ficava para ver e na luta feminina eles saíam? Não. Eles ficavam lá para ver também, torciam, gritavam e os homens e mulheres assistiam, todo mundo. Achei bem interessante, até pensei que talvez ninguém fosse assistir, mas o pessoal vai.

I.B. – Tu percebeu alguma diferença no processo de treinamento de homens e mulheres?

D.C. – O Zé, ele trata todo mundo igual. Eu não sei como é que seria nos outros lugares, mas tudo que eu fazia, os caras faziam e, como eu treinava há mais tempo, às vezes os caras não conseguiam me acompanhar. Eu ouvia muito eles dizerem: “Tu consegue, porque tu é magrinha”. Nada a ver. [risos]

I.B. – Sim, nada a ver.

D.C. – Com o Zé sempre foi muito igual. Claro que na hora de fazer “luvinha”, ele dizia para os guris baterem mais fraco, obviamente, eles tem muito mais força, mas muito igual assim.

I.B. – Tu percebeu alguma diferença na forma como os homens e as mulheres lutavam?

D.C. – O pessoal mais amador, eu percebo que os homens conseguem manter mais a técnica quando estão em cima. Tem uns que não, acho que tem uns que se deixam levar pelas emoções e se perdem. Eu acho que as mulheres têm várias questões envolvidas, não são estimuladas a praticar esportes desde cedo, e se tu nunca praticou um esporte e quer praticar boxe, tu tem uma consciência corporal bem diferente. Eu acho que aí talvez atrapalhe um pouco a luta, das mulheres serem menos técnicas. Algumas são perfeitas, como no Campeonato Brasileiro, as mulheres que lutam há mais tempo, que tem mais experiência, elas lutam bem bonito, bastante técnica e tal. Elas aguentam levar soco, mas tem diferença sim e é por vários fatores na verdade.

I.B. – A Associação Internacional de Boxe Amador retirou a proteção da face para os homens nas Olimpíadas e manteve para as mulheres. Tu acha que ainda existe uma ênfase de proteção maior das mulheres?

D.C. – Eu acho que a proteção, achar que a mulher é delicada, achar que a mulher não aguenta ficar com olho roxo, que é feio. Aqui na Federação, eles obrigavam as mulheres a usar protetor de seio. Horrível, só atrapalhava.

I.B. – E era obrigatório para as mulheres?

D.C. – Dá para ver porque o seio é muito maior. Tinha que usar, mas só atrapalhava, e o capacete para mim só atrapalha também.

I.B. – Sim, deve ser muito ruim. Eu imagino por que eu só coloquei...

D.C. – Dá uma sensação de sufocamento, porque tu ouve a tua respiração, tu vê que tu está tensa. E limita a visão também, mas eu acho que é pela feminilidade, pela delicadeza da mulher, talvez tenha algum motivo.

I.B. – Durante muitos anos o boxe era praticado exclusivamente por homens, como é que tu te sentiu, como mulher, ocupando esse espaço?

D.C. – Eu acho que quando uma mulher consegue... O que difere a mulher do homem são só características físicas, eu acredito. Tudo que pode ser feito por um homem, por uma mulher pode ser feito, por exemplo, o esporte. Não sei se tu entendeu o que eu quis dizer.

I.B. – Sim, concordo.

D.C. – Quando eu entrei no boxe, eu também tinha um pouco de preconceito, porque eu pensei “tem soco e tal”, mas eu acho muito bom saber que tu consegue fazer as mesmas coisas que os homens e, às vezes, ser melhor que eles. Eu acho que dá um empoderamento, eu só acho que tem pouca mulher fazendo ainda. Acho que toda essa questão da mulher ter que ser delicada, porque o boxe ele te proporciona definição muscular, essas coisas todas e daí eu acho que não é... Quando eu vejo que as mulheres vão praticar, elas querem emagrecer, porque não é permitido que as mulheres sejam musculosas, fortes. Eu acho que falta ainda quebrar essa coisa para trazer mais mulheres para dentro do boxe.

I.B. – Como tu treinava uma parte do tempo em academias, tu acabava mesclando. No caso, tu que estava treinando para competir e convivia com atletas que estavam treinando apenas o aeróbico. Era uma relação diferente com a modalidade esportiva, o que tu acha?

D.C. – Sim, é bem diferente porque na academia tu lida com pessoas que entram e saem o tempo todo. Geralmente, quem está competindo tem o nível maior do que quem faz só por exercício físico, então tinha que treinar de um jeito mais suave. Com homens não, dava para bater [risos], mas se tu vai treinar com outra mulher, tinha que ser mais de leve. Parece que em ambiente de academia, tu fica meio estagnada, não consegue evoluir muito.

I.B. – Sim, entendi. Analisando as fontes dos campeonatos e a participação de mulheres, têm muitos registros de mulheres que competem uma vez só, isso também apareceu nas entrevistas.

D.C. – Uma vez só?

I.B. – Sim, que não continuam. Era comum as mulheres permanecerem pouco tempo?

D.C. – Quando eu entrei em 2009 até o ano passado, 2014, meio que acompanhei mais ou menos as mesmas gurias: a Megg, a Carine, a Sara. Eu acho que elas lutaram uma vez, lutaram duas, foram lutando. Não lembro de alguma guria, nessa época, que tenha desistido na primeira, na segunda.

I.B. – Como é que tu interpreta o fato das mulheres ingressarem no boxe apenas recentemente? Eu tenho analisado que em outras modalidades de lutas, elas praticavam já na década de 1980. Por que o boxe, especificamente, é só recentemente?

D.C. – Não sei a pergunta. Tu sabe alguma coisa de muay thai?

I.B. – Se eu não me engano, muay thai é um pouco antes ainda. Acho que tem algum registro nas fontes de jornais da década de 19[80], pelos menos a prática.

D.C. – Eu não sei muito da história do boxe, mas eu acho que ele é um esporte muito de homem e é machista “pra caramba”. Tu vê as competições... Eu conheço *uma* boxeadora profissional famosa, que é a Duda Yankovich<sup>14</sup>. Mas eu não sei porquê, o Muay Thai também é tri violento, se tu for pensar, acho que é mais que o boxe. Acho que se criou muito uma cultura de que boxe é para homem, não sei. Eu percebo nas lutas, tem o ringue, tem as ringue girls, as gurias super gostosonas, ele é um ambiente para homem, parece. Até esses dias eu vi a Ronda<sup>15</sup>, acho que ela foi desafiar o Floyd Mayweather, ele retrucou e disse assim para ela: “Quero ver tu ganhar tantos milhões que nem eu nas lutas”. Só que todo mundo sabe que uma mulher nunca vai ganhar tantos milhões que nem o Floyd.

I.B. – Sim, porque ela ganha menos mesmo no UFC<sup>16</sup>. Ela ganha menos sendo campeã do UFC.

---

<sup>14</sup> Dušica Janković.

<sup>15</sup> Ronda Rousey.

<sup>16</sup> Ultimate Fighting Championship.

D.C. – Sendo a melhor do mundo, entende? As mulheres sempre foram meio que escanteadas, sempre teve uma cultura do boxe como um esporte de homens. Não saberia dizer outra coisa. [risos]

I.B. – Tu chegou a conhecer histórias de atletas que ingressaram no boxe antes de ti? Tu lembra de ouvir falar de histórias?

D.C. – Deixa eu pensar... O Zé me contava de umas gurias que treinavam com ele. Eu não vou me lembrar o nome, mas que tinha uma das gurias, que meio que eles estavam sempre juntos. Ela treinava muito e era uma guria muito forte, muito boa, mas que depois deu alguns problemas na vida dela e ela parou de treinar. Só isso, é que nem tem muito, aqui no Rio Grande do Sul, se começou em 2003, não tem muito, não são tantas.

I.B. – Queria que tu comentasse a tua contribuição para o boxe no Rio Grande do Sul.

D.C. – A minha contribuição em que sentido?

I.B. – Eu acho que, se são poucas gurias que competiram no estado, tu foi uma delas...

D.C. – Eu gostaria de ter me engajado bem mais, conhecido melhor a Federação, conhecer melhor as gurias ali do Campeonato Brasileiro, porque eu acho que essas gurias que vão para as Olimpíadas são muito fudas. Elas passam por cima de muita coisa para conseguir chegar lá. Não sei... Eu acho que o que eu gostaria de poder tentar, quem sabe um dia, mexer nessa estrutura. Deixar mais aberto para as mulheres, ajudar mais, conseguir fazer que a Federação melhore por que tem vários problemas e apoiar mais os dois boxes, o masculino e o feminino. Eu dei aula de boxe por um tempo na academia, o Zé pega os alunos e vai colocando nas academias. Eu acho que cada professor tem um estilo de boxe diferente, eu ficava cuidando, como eu era uma mulher talvez viessem mais mulheres nas minhas aulas, mas as turmas eram bem divididas, metade homem e metade mulher. As mulheres não queriam ficar fortes...

I.B. – Elas traziam essa preocupação?

D.C. – Sim, porque é só tu ver, as mulheres que lutam, elas são super definidas. Elas queriam mais para emagrecer, para aprender uma técnica, umas até pensaram que eu ia dar tipo um aeroboxe. Eu não sei dar aeroboxe [risos]. Os guris gostavam muito porque, às vezes, eu fazia eles baterem muito forte, então eles gostavam, e as gurias gostavam por que a parte aeróbica era bem forte, os abdominais... Mas dando aula, tinha que me afirmar o tempo todo... Os guris queriam me afirmar o tempo todo: “Eu quero ver tu fazer tal coisa”. Ficavam me desafiando.

I.B. – Até que ano tu ficou no boxe? Tu não está competindo atualmente?

D.C. – Não, não estou nem treinando mais. Eu comecei em 2009 e fiquei até o final do ano passado, mas com idas e vindas.

I.B. – Mas é bastante tempo.

D.C. – É bastante tempo. [risos]

I.B. – Tem algo que eu não perguntei que tu gostaria de deixar registrado?

D.C. – Acho que falei o que tinha que falar.

I.B. – Obrigada!

D.C. – Imagina.

[FINAL DA ENTREVISTA]